

Outras Fronteiras

Depois do Mercosul o Mercoeste? Mato Grosso (norte e sul), Goiás, Tocantins, Rondônia e sul do Maranhão e Piauí sentem tendência cada vez maior de integração econômica com países próximos como a Bolívia, Peru, Paraguai e Chile; num movimento dinâmico em busca de uma saída do Brasil, Paraguai e Bolívia, para o Pacífico, formando “corredores bioceânicos”, que nos Estados Unidos contam 150 anos.

No centro dessa atividade está o verdadeiro *boom* do plantio de soja. A área plantada desse cereal cresceu 30% nos últimos quatro anos, e ocupou área equivalente a 2 milhões de campos de futebol. A soja expande-se em direção à Amazônia Legal, com incentivo do governo e preocupa ambientalistas e a Embrapa, que desenvolveu um tipo de soja para a região Amazônica. O plantio de soja deve estender-se, primeiro, a áreas já devastadas por pastagens, algumas em acelerada desertificação. Derrubar a mata para plantar soja é, no mínimo, antieconômico.

É importante investir em agricultura de ponta e na agroindústria, mas é igualmente ou mais importante conciliar essa expansão com o respeito ao meio ambiente. Com as freqüentes queimadas na região, um patrimônio incalculável de biodiversidade corre risco de perder-se. O Pantanal tem um ecossistema ainda mais rico do que a Amazônia e essas características devem ser preservadas, não apenas para legar às futuras gerações o encantamento do planeta, mas – sobretudo – porque o banco biogenético ali existente é um bem mais promissor do que a agricultura ou a extração mineral.

Segundo o Plano Plurianual de Investimentos (PPA), quando a infra-estrutura da região (estradas, ferrovias e hidrovias) para o escoamento da produção estiver concluída, a região crescerá anualmente 1% acima da média brasileira. Para isso, estão sendo implantados eixos nacionais de integração e desenvolvimento, dos quais fazem

parte obras como o gasoduto Bolívia-Brasil, a ferrovia Norte-Sul e a hidrovia do Madeira, as duas últimas financiadas pela iniciativa privada.

A integração econômica dos estados brasileiros com os países a oeste é estratégica e tende a gerar uma zona econômica própria. Os agricultores de Mato Grosso fariam grande economia importando adubos diretamente do Peru, em lugar de comprá-los no sudeste do Brasil. Hoje faltam aproximadamente 300 quilômetros de estrada asfaltada, a maioria na Bolívia, para ligar Mato Grosso ao porto chileno de Arica.

Com a expansão da soja, a recuperação de áreas degradadas, reconstituindo a cobertura vegetal em áreas de nascentes e de rios; com a introdução de novas técnicas agropecuárias para substituir o gado nas pastagens – tradicional criador de desertos – por técnicas mais modernas, com maior rentabilidade e espécies mais apuradas, será possível ampliar ainda mais a vocação rural dessa região, gerando riqueza e fixando o homem ao campo.

Problemas sérios exigem ação enérgica e rápida. Uma é o narcotráfico nas fronteiras do Peru e Bolívia. Outro é o contrabando através do Paraguai. O terceiro é o meio ambiente. Nos três, o governo tem responsabilidade maior. Os dois primeiros são caso de polícia e presença militar, enquanto o meio ambiente (embora tenha lado policial) é antes de tudo problema de educação. É preciso que o governo esteja presente, conscientize os agricultores e demais moradores sobre a importância de manter e explorar o imenso potencial da região.

A primeira fronteira a ser aberta é a do turismo ecológico, em crescimento em todo o mundo. A segunda, mais consistente, será a da bioengenharia e pesquisa dos inúmeros princípios ativos e substâncias que a natureza ainda esconde. O progresso será quase uma fatalidade numa terra tão rica e tão viável economicamente.